



## **A REALIDADE SOCIAL E CULTURAL DAS MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO**

**Neusa Pivotto Rodrigues\***

**Universidade Federal de Rondônia - UNIR**

[neuzinha\\_r@yahoo.com.br](mailto:neuzinha_r@yahoo.com.br)

**Odete Burgeile\*\***

**Universidade Federal de Rondônia - UNIR**

[odeteb@unir.br](mailto:odeteb@unir.br)

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho foi fazer um estudo sobre a realidade social e cultural das mulheres haitianas em Porto Velho para refletirmos sobre os fatores que as fizeram sair de seu país de origem e as dificuldades encontradas pelas mesmas na nova sociedade. Os resultados da pesquisa demonstraram que mulheres haitianas estão se inserindo na sociedade portovelhense, contribuindo para a hibridização e a construção de novas identidades, porém, sem relegarem a sua identidade de origem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração - Mulheres Haitianas – Inserção Social.

## **THE SOCIAL AND CULTURAL REALITY OF HAITIAN WOMEN IN PORTO VELHO**

**ABSTRACT:** the objective of this study was to study the social and cultural reality of Haitian women in Porto Velho to reflect on the factors that caused them to leave their country of origin and the difficulties they encountered in the new society. The results of the research demonstrated that Haitian women are entering the society of portovelhense, contributing to the hybridization and construction of new identities, but without relegating their identity of origin.

**KEYWORDS:** Migration .- Haitian women - Social Insertion.

## **INTRODUÇÃO**

---

\* Mestra em História e Estudos Culturais e membro do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais- GELLSO da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Bolsista da CAPES.

\*\* Prof. Dra. em Filologia Inglesa, ministra disciplinas no Mestrado em História e Estudos Culturais e Letras, é Líder do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais- GELLSO da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

O Estado de Rondônia tem sido o destino de muitos migrantes desde o período da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, perpassando os ciclos econômicos, a colonização, na década de 70, e atualmente com a chegada de um número considerável de haitianos. Desde 2011, Rondônia vem se tornando um dos principais estados escolhidos por haitianos que buscam uma vida melhor no Brasil, despertando o interesse de vários pesquisadores da região.

Não se pode, ainda, deixar de considerar que a migração, em especial para Porto Velho, foi e continua sendo um fato atípico, pois, geralmente buscam grandes centros onde há maior potencialidade de emprego. Entretanto, Porto Velho tornou-se palco desse grupo de migrantes (ambos os sexos), impulsionado pelos canteiros de obras das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio.

Nas leituras sobre o tema, foi possível verificar que o foco são as migrações haitianas de ambos os sexos para o Brasil, o que ocasionou o desejo de direcionar esta pesquisa somente para a migração de mulheres haitianas para Porto Velho.

Os dados e os desafios que certamente surgiram no decorrer desta pesquisa, bem como a percepção de que as mulheres haitianas provêm de uma sociedade de cultura machista levaram-nos à escolha do tema, pois compreendemos que uma análise sob esse enfoque traria contribuições para um novo olhar a respeito dessas imigrantes. Assim, o objetivo deste trabalho foi fazer um estudo sobre a realidade social e cultural das mulheres haitianas em Porto Velho.

Diante disso, realizamos uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, baseada em levantamentos de dados, mediante questionário com 28 perguntas para treze (13) mulheres haitianas.

## **AS MOTIVAÇÕES E OS DESAFIOS DAS MULHERES QUE MIGRAM**

A migração feminina para o Brasil vem aumentando, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, do Conselho Nacional de Imigração e do Ministério de Relações Exteriores (2015). No período de 2011 a 2012, passou de 123 para 843, o que representa um quinto dos migrantes haitianos. A pesquisa mostra que o número de

vistos concedidos às mulheres haitianas entre 2013 e 2014, no Brasil, passou de 423 para 689, sendo que, a migração masculina variou de 961 para 1691.

No contexto das migrações femininas, nos baseamos nas condições de vida precárias que as mulheres migrantes pobres enfrentam com a falta de trabalho no país de origem. Esse fato faz com que elas tomem a decisão de migrar, principalmente pensando na família. Todavia, cabe salientar que um dos fatores em comum entre essas mulheres, independente. Pensar na mulher migrante é pensar também na sua responsabilidade familiar (no cuidar da família) e nas situações de vida que elas almejam transformar. Dutra (2013)

Diante disso Schiller pontua que:

[...] a ética da obrigação familiar não é sentida como uma esfera de valores diferenciada da nação. Pelo contrário, no Haiti, a linguagem normativa das obrigações de parentesco liga, assim, os indivíduos à nação através de metáforas baseadas na comunidade de sangue. Tanto os instruídos como os analfabetos, tanto os adolescentes urbanos pobres, como os dirigentes políticos educados usam metáforas de parentesco e sangue para explicar a unidade de todos os haitianos. Essa unidade prolonga-se transnacionalmente, englobando todos os que têm ascendência haitiana independente do lugar onde vivem. O Estado-nação transnacional é legitimado através da ideologia de uma linha de descendência que liga os indivíduos ao corpo comum haitiano. [...] (SCHILLER, 1997, p.46)

Ainda segundo Dutra (2013) é necessário frisar que, cuidar da família, zelar, bem como obedecer ao marido, é o papel geralmente atribuído às mulheres. No entanto, esse grau de responsabilidade e submissão se dá conforme o contexto social no qual a mulher migrante está inserida, fazendo com que ela tenha, ou não, a possibilidade de migrar e transformar sua vida através da migração. Dessa forma, há de se atentar para o grau de instrução, cultura, e possuir ou não documentação que possibilite a essas mulheres a inserção no mercado de trabalho.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM)<sup>1</sup>, um dos principais motivos para a migração feminina é necessidade de ajudar a família, sendo elas responsáveis pelo envio de verbas ao seu país de origem. Outro motivo é o fato de serem elas, muitas vezes, as responsáveis pelo sustento dos filhos, sozinhas, por serem

---

<sup>1</sup> A Organização Internacional para as Migrações (OIM) foi criada em 1951, constituindo-se atualmente como a principal organização intergovernamental dedicada às áreas das migrações. Disponível em: <http://www.oim.int>> Acesso em: 10/09/2016.

separadas, divorciadas, viúvas ou mães solteiras. A essas motivações, somam-se a pobreza, a falta de oportunidades de trabalho e estudo, bem como a violência e opressão dentro do núcleo doméstico, e o desejo de se emancipar.

O depoimento da informante nº 11 confirma o que pontua a Organização Internacional para as Migrações:

Eu vim embora do Haiti porque tudo que tinha o terremoto levou. Não tinha mais como sustentar meus filhos. Eu era dona de um comércio pequeno na minha casa mesmo. O terremoto levou tudo. No meu país não tem emprego e é muito triste ver os filhos passar fome e também não estudar porque a escola a gente tem que pagar. Por isso deixei o Haiti pra dar vida melhor pros meus filhos e pra mim. (informante nº 11).

Ramos (2014) complementa o argumento acima, afirmando que a feminização das migrações está associada a problemas que afetam as mulheres em geral: dificuldade de encontrar emprego, reduzido acesso à educação, à saúde, às redes de informação, falta de autonomia e vulnerabilidade à violência. Para o autor, a feminização é uma das características da migra. A respeito da fala dos autores acima citados, devemos enfatizar, que as mulheres migrantes não podem mais ser vistas como aquelas que apenas acompanham os maridos em seu processo migratório, mas sim como sujeitos desse processo.

Dentro desse contexto migratório, as migrantes procuram dar um novo rumo as suas vidas, no sentido de satisfazer suas necessidades diárias no que diz respeito à melhor qualidade de vida, como alimentação, moradia, acesso à educação e à saúde para elas e para os filhos.

No mesmo sentido, Tedesco argumenta:

A força do trabalho feminino continua a ser vista como subsidiária com respeito às carências e flexibilidade e estruturas sócias apresentam. A sua presença, importância, significação e condição e demanda, é muito expressiva da crise do estado social no tocante, a assistência familiar, aos anciãos, e portadores de deficiência. As mulheres adentram ao terceiro setor, para horários anômalos, no comércio, nos restaurantes, apresentam-se como mulher e mãe, num processo de reprodução de uma força de trabalho estrangeira cada vez mais estrutural na sociedade. (TEDESCO, 2011, p. 48).

Percebe-se na citação de Tedesco, que as maiores possibilidades de emprego para as mulheres migrantes situam-se naqueles trabalhos que são menos valorizados

pela sociedade, e com salários inferiores aos dos homens, ou seja, são discriminadas pela sua condição de mulher, o que na verdade é uma questão de gênero.

Conforme pondera Tedesco (2011, p. 49), pouco se fala da questão de gênero no processo migratório, assim como especificamente das mulheres, a não ser para enquadrá-las em algumas dimensões negativas ligadas à prostituição, à exploração de seu trabalho por aqueles que as contratam, à desconfiança em relação aos problemas familiares em sua opção pela migração, e, portanto, de fuga de espaços de origem etc. As migrações foram representadas como dinâmicas orientadas e viabilizadas pela esfera masculina, o homem abrindo o caminho e a mulher indo junto ou depois, mas não como protagonista central.

Com referência ao que argumenta Tedesco, Duarte (2013) enfatiza que a desigualdade de gênero corresponde a uma configuração tradicional, que diverge do *ethos* moral moderno, dependente de uma demarcação moral abrangente, relacional e principal. Ou seja, é uma ação norteadora por princípios morais e relacionais, associados aos valores religiosos, de caráter prioritário e imperativo.

Ainda assim, conforme consta no estudo *Gênero, Migrações e Reservas da OIM*, as mulheres migrantes, mesmo ganhando menos do que os homens migrantes, conseguem mandar uma proporção maior do que ganham, também de forma mais regular e durante mais tempo. Essas reservas são não apenas um alívio econômico para as famílias receptoras, mas também um fator de reequilíbrio entre gêneros, sublinha a OIM.<sup>2</sup>

Logo, as mulheres que enviam dinheiro assumem um papel que não tinham e as que recebem assumem novos papéis na administração familiar. Neste contexto, a informante nº 12 afirma que “trabalho em casa de família e ganho R\$ 900,00. Do meu dinheiro mando R\$ 300,00 para minha mãe que é para ajudar nas despesas dos meus filhos”.

Segundo Dutra (2013), as políticas migratórias isoladas não dão conta de evitar os riscos da exploração no âmbito do trabalho, da discriminação e da falta de reconhecimento aos direitos humanos básicos. De fato, em muitos países são elaborados marcos regulatórios que propiciam a exploração da mão de obra migrante considerada

---

<sup>2</sup> OIM- Organização Internacional para as migrações. **Mulheres migrantes enviam muito dinheiro aos seus países.** Disponível em: [http://swssinfo.ch/por/sociedade/mulheres\\_imigrantes\\_enviam\\_muito\\_dinheiro\\_a\\_seus\\_paises.html?cid=3221794](http://swssinfo.ch/por/sociedade/mulheres_imigrantes_enviam_muito_dinheiro_a_seus_paises.html?cid=3221794) Acesso em: 02/03/2016.

não qualificada, mas fundamental para o andamento da economia e que beneficia setores específicos da sociedade. O fato é que, em muitos países, inclusive aqueles considerados mais desenvolvidos, a legislação é deliberadamente omissa, não protege o trabalho feito pelas migrantes e inexistente uma forma legal de fiscalização no que se refere às condições de vida e de trabalho dessas mulheres.

Nesse contexto, o resultado é o que temos no cenário atual, em que vemos mulheres migrantes sendo diariamente exploradas, violentadas e sendo obrigadas a viver em condições indignas. Assim pontua Dutra

Tais elementos condicionam a qualidade de vida dessas mulheres e de suas famílias dificultando seriamente qualquer oportunidade de ascensão social e reproduzindo modelos de vida em sociedades altamente estratificadas. Assume-se, então que a existência da discriminação para com essa mulher trabalhadora migrante induz a fenômenos como o da segregação ocupacional, particularmente quando se focaliza a reflexão na dimensão do trabalho. (DUTRA, 2013)

A autora acima citada afirma que as dificuldades das mulheres migrantes vão além do período de deslocamento, visto que, continuam no país para o qual se deslocam, pois fatores como o não domínio da língua estrangeira, a dificuldade de se integrarem, a ausência dos familiares e o medo da deportação quando ilegais as colocam num quadro de vulnerabilidade e invisibilidade. É necessário que essas mulheres tenham seus direitos trabalhistas garantidos como migrantes, para que possam suprir suas necessidades, diminuindo assim a exposição aos casos de abusos, exploração e violência aos quais estão sujeitas.

A faixa etária das mulheres migrantes haitianas entrevistadas nessa pesquisa está entre 24 e 39 anos, em que temos 69% entre 20 a 30 anos e 31% de 30 a 40 anos. Isso demonstra que o grupo pesquisado se encontra em condições de ser inserido no mercado de trabalho. Ao compararmos nossos dados com os de Santos (2014, p. 79, 81) constatamos que o perfil das nossas informantes é corroborado pelos resultados encontrados no trabalho do autor citado.

Por uma questão de cooperação entre estados e de solidariedade, ambos os princípios presentes na Carta dos Direitos Humanos do país que acolhe os migrantes o Brasil poderia suprir a deficiência do mercado de trabalho, principalmente no que se

refere à mão de obra não qualificada e faixa etária, visto que a preferência dos empregadores é para pessoas adultas jovens.

Quanto ao estado civil das informantes, 31% são casadas legalmente, 46% têm companheiro, 7% solteiras, 8% viúva e 8% separadas. Neste quesito, percebe-se a importância do elemento masculino na vida dessas mulheres. Tal presença, para elas, representa segurança e dignidade; referem-se aos maridos e companheiros, como alguém que lhes dá segurança e impõe respeito.

O grau de instrução das informantes, o qual pode ser considerado baixo, visto que 23% das entrevistadas não são escolarizadas, 15% possuem o ensino básico incompleto, 39% possuem o ensino básico completo, e 23% possuem o ensino médio completo. Esse fato está relacionado ao tipo de trabalho que elas desempenham em Porto Velho. A maioria dessas mulheres desempenha a função de domésticas, auxiliares de cozinha, faxineiras, entre outros que não exigem escolaridade ou maior qualificação.

Com relação ao quesito religião, 100% das informantes afirmam frequentar uma igreja, ou seja, a fé para elas é um lenitivo que abranda as dificuldades e dá força para que possam continuar na caminhada escolhida. Nas notas de campo, as informantes se mostram sempre agradecidas a Deus pela oportunidade de recomeçar a vida em Porto Velho.

Com relação ao questionamento sobre qual igreja frequenta, observa-se que 37% frequenta a Igreja Adventista do 7º Dia, 18% a Assembleia de Deus, 9% a Igreja Batista, 9% a Igreja Metodista, 9% a Igreja Universal, 9% a Igreja Quadrangular, 9% a Igreja Católica. Fato esse que demonstra que a busca de apoio espiritual é muito importante para elas.

Segundo Haupenthal (2014), a prática religiosa é onipresente na vida das mulheres migrantes haitianas, nos seus discursos, nas suas relações com a família, nas novas relações que se estabelecem e na representação da própria Bíblia que carregam consigo como algo precioso e repleto de significados.

A partir da participação das mulheres migrantes nas Igrejas, configuram-se as trocas culturais, tanto no que se refere ao conhecimento dessas mulheres com os hábitos da comunidade local, quanto no que se refere à valorização das manifestações culturais das migrantes pela comunidade acolhedora.



Como sistemas entrelaçados de signos interpenetráveis a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos, casualmente acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições, ou os processos: ela é um contexto, algo dentro da qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade [...] compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. (GEERTZ, 2008)

Podemos dizer que a religião é como um capital social partilhado pelas mulheres migrantes haitianas, pois contribui para a inserção social delas, sendo uma rede de apoio importante. Bourdieu (1980) apresenta o capital social como um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de interconhecimento e interreconhecimento, ou, em outras palavras, a pertença a um grupo de agentes não somente dos de propriedades comuns, [...] “mas também, por laços permanentes”.

Quanto ao motivo de escolherem o Brasil para viver, observou-se que não houve uma única razão, mas sim várias, principalmente a busca por trabalho e melhores condições de vida, além da necessidade de ajudar a família. Em Santos (2014), apesar de ser um estudo direcionado para ambos os sexos, constatamos que as motivações das migrantes haitianas entrevistadas pelo autor correspondem aos resultados encontrados em nossa pesquisa, ou seja, trabalhar, melhorar de vida, ajudar a família que ficou no Haiti. Vejamos abaixo as respostas de algumas informantes que selecionamos: “Porque tenho família e dois filhos no Haiti e precisa ajudar. A situação lá é muito difícil”. (Informante nº 3); “para trabalhar e ajudar a família que é grande e passa por muitas dificuldades”. (Informante nº 8); “necessidade de ajudar família, pai e mãe”. (Informante nº 9).

Percebeu-se que a preocupação das mulheres migrantes haitianas com a família deixada no Haiti está presente na fala de todas as informantes. Esse fato influencia suas atitudes diárias, como se fosse um tipo de indicação de um caminho.

Segundo Haupenthal (2014), as migrantes haitianas buscam seguir rigidamente as orientações determinadas pela família antes de ingressar no Brasil: “trabalhar, rezar e poupar” (enviar dinheiro para a família).

Ao serem questionadas sobre com quem vieram para Porto Velho, as informantes nº 1, 2, 3, 4, e 9 responderam que vieram com os companheiros, a informante nº 5 veio com o marido, as informantes 10 e 11 vieram com os filhos, as informantes nº 6, 7 e 13 vieram sozinhas, a informante nº 8 veio com o marido e filha e



a informante nº 12 veio com uma amiga. Devemos salientar que a maioria das informantes veio de Porto Príncipe e apenas a informante nº 10 veio da República Dominicana.

Sobre a experiência adquirida como migrante, a maioria das informantes se mostra satisfeita com a vida em Porto Velho, apesar de citarem as dificuldades encontradas. Porém, uma delas mostrou uma grande insatisfação em relação à questão de estudos. Sobre a viagem, a maioria relatou dificuldades e sofrimentos. A esse respeito sabe-se através de várias leituras feitas sobre o assunto que a viagem realmente apresenta muitas dificuldades, como roubos, violência e exploração por parte dos coiotes. Selecionamos os relatos de algumas informantes: “Fui bem recebida, consegui aprender a língua, arrumei emprego e moradia. A vida é difícil, mas tá melhor”. (Informante nº 4); “aprendi o português apenas, porque aqui não dão direito aos haitianos de aprender mais outras coisas (não tem vagas nas escolas) e a vida aqui não é o que eu esperava”. (Informante nº 6); “aprendi o português e fazer comidas brasileiras, e que a vida aqui também não está fácil, mas Porto Velho é lugar de pessoas muito boas”. (Informante nº 7); “na viagem o coiote comeu quase tudo que eu tinha e cheguei aqui só com um pouquinho de dinheiro”. (informante nº 11).

Ao serem indagadas se continuam com os hábitos alimentares do Haiti, ou se estão incluindo outros hábitos no seu dia a dia, as informantes foram unânimes em responder que continuam com os hábitos alimentares do Haiti, mas que também incluem os hábitos da comida brasileira no seu dia a dia. Percebe-se neste quesito, que as mulheres haitianas não encontraram dificuldades de adaptação quanto aos hábitos alimentares.

Hábitos alimentares são disposições da cultura que possuem capital simbólico particularizado em cada região, cada grupo social, com interações emblemáticas ou referenciais de um modo de ver e sentir o mundo, ou seja, trata-se da apreensão sobre as coisas do mundo, alimento, trabalho, e funciona como uma ordenação cognitiva e avaliada, adquirida através da experiência do sujeito em seu mundo social. (BOURDIEU, 1989, p.83)

Barbosa (2015, p. 166-167)<sup>3</sup> enfatiza que as mulheres migrantes haitianas trouxeram consigo um conjunto de práticas ligadas à sua alimentação no Haiti, desde a

---

<sup>3</sup> A “Soupe Joumou” celebra a Independência do Haiti em 1º de Janeiro de 1804, e é composta por ingredientes tais como: abóbora, muito tempero verde, salsa, cebolinha, alho, tomilho, cravo, carne de

forma de preparar os temperos, cozinhar, mesclando ou acrescentando possibilidades e práticas alimentares nesse novo contexto em que passaram a viver, adequando-se aos hábitos alimentares locais. Elas fazem uso dos hábitos alimentares brasileiros, mas não deixam sua culinária de lado, e o preparo é sempre um ritual.

Nesse sentido, percebe-se que a cozinha faz parte do imaginário das pessoas, sendo uma construção simbólica, pois faz parte dos hábitos e é também uma herança cultural, ou seja, os hábitos alimentares são inseparáveis da cultura de um povo.

No diálogo estabelecido entre a História Cultural e as diversas áreas de estudo como, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia entre outras, a questão da alimentação pode ser mais facilmente compreendida como representação e como símbolo. As festas são representações, momentos em que afloram “esquemas intelectuais que criam as figuras sociais às quais o presente pode ser sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. (CHARTIER, 1990, p.16-17)

Nesse prisma, entendemos que, na visão do autor acima citado, os fatores que interferem na escolha e preparo dos alimentos são marcadamente culturais.

Ao serem indagadas sobre reuniões com outras mulheres haitianas, a intenção dessas reuniões e sobre o que conversam, percebeu-se que essas mulheres não ficam isoladas, conversam entre si, desabafam e se divertem. A respeito da reunião com mulheres brasileiras, constatamos que as mulheres haitianas estão convivendo de maneira satisfatória com elas, fazendo amizades, e dessa forma sentindo que pertencem à comunidade que as acolheu.

As mulheres haitianas têm o hábito de trançar os cabelos como forma de opção estética, como modo de construção legítima feminina, ou até mesmo como preservação da cultura do país de origem. Entretanto, elas podem optar por alisar os cabelos, como fazem as mulheres ocidentais, ou ainda ensinar as brasileiras a fazer as tranças, preservando assim a sua identidade de origem, pois, segundo Bauman (2005, p.19), as identidades flutuam no ar: algumas da nossa própria escolha, outras infladas e lançadas por pessoas a nossa volta.

Hall enfatiza que o imigrante realiza trocas de experiências com necessidade de negociação social, pois essas pessoas:

---

gado, cabrito (mais difícil de encontrar) batata doce, batata inglesa, inhame, cenoura, espaguete, um pouco de óleo, sal, pimenta e limão. BARBOSA, Lorena Salet (2015, p.159)

[...] são obrigadas a negociar as com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente a sua identidade, a falar duas línguas culturais, a traduzir e nelas negociar entre elas, a viver em parte delas sem esquecer-se delas mesmas [...]. (HALL, 2014)

Sobre a comunicação com a família que mora no Haiti, percebemos que o uso do celular e da internet é de suma importância para elas. Através desses meios de comunicação elas passam e recebem notícias dos seus familiares, falam sobre como está a vida em Porto Velho, combinam com outros familiares e amigos para se reunirem aqui, e avisam sobre remessas. Neste quesito, 46% das informantes entrevistadas usam o telefone para se comunicar com familiares no Haiti, 46% usam o telefone e a Internet, e 8% se comunicam através de correspondência. Salientamos que nossos resultados são corroborados por Santos (2014).

Castells (1999, p.8-10) defende que a Internet “é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos”, num momento escolhido em escala global. O autor pontua ainda que as instituições, as companhias e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, experimentando-a. Esta é a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina, e isso é ainda mais verdadeiro no caso da Internet, uma tecnologia da comunicação.

Ao serem indagadas se costumam lembrar, no Brasil, das comidas típicas do Haiti, das datas comemorativas haitianas, músicas e danças do Haiti, percebemos que o país de origem permanece vivo nas lembranças das haitianas. Em conversas informais elas afirmam que sempre ouvem as músicas haitianas, dançam e fazem as comidas haitianas. É como manter viva a presença do Haiti no cotidiano delas. Neste quesito selecionamos as respostas de algumas informantes: “gosto muito do carnaval do Haiti, mas não participava, porque sou evangélica”. (informante nº 7); “gosto dos Hinos de Louvor da Igreja no Haiti, e tenho saudades do Ano Novo, nós fazemos “soupe joumou” e muito chocolate natural”. (informante nº 10); “lembro de tudo do Haiti. Coisas boas e coisas ruins”. (informante nº 4).

Em seus estudos a respeito de outros grupos étnicos em Porto Velho, Burgeile (2009, p.396) pontua que os descendentes de barbadianos e granadinos adotaram a língua portuguesa, porém tentam manter sua identidade cultural através da preservação do folclore, das datas comemorativas, da religião, de comidas, entre outros.

Hall (2003, p.32) enfatiza que a partir da sensação de deslocamento que acompanha a experiência da migração responsável pela tensão entre a tentativa de resgate e manutenção dos vínculos do passado e a emergência das novas experiências, favorecidas pela mudança, a Internet aparece como meio de comunicação mais sedutor por suas Nesse sentido, Sayad (2000) argumenta que o migrante mata a saudades participando dos encontros sociais, nos quais revive os contatos, a cultura, a língua e a gastronomia de sua terra natal. É, paradoxalmente, um retorno, sem retorno, afirma Le Goff (1990, p.40) enfatizando que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma de suas atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade.

Ao serem questionadas sobre se tiveram dificuldades para encontrar trabalho e moradia, constatamos que algumas delas estavam com dificuldades de encontrar trabalho, e quando eram contratadas, o salário não era bom. Outro fator que se pode apontar para essa dificuldade é a presença de filhos pequenos, a ausência de creches e a baixa escolaridade. Vejamos a seguir os relatos das informantes sobre esta questão: as informantes nº 1 e nº 2 afirmaram que não tiveram dificuldades para encontrar moradia e trabalham em um restaurante como cozinheiras; outra teve dificuldade para encontrar moradia e está com dificuldade para arrumar emprego (informante nº 3); a informante nº 4 não teve dificuldade para encontrar moradia, pois o primo do seu companheiro a ajudou. Ela trabalha fazendo faxinas (diarista) e nas folgas vende balas e doces. A informante nº 5 não teve dificuldade para encontrar moradia, mas não está trabalhando. As informantes de nº 6 e nº 7, afirmaram que demorou um pouco para encontrar moradia e trabalho. Ambas trabalham em uma pizzaria. A informante nº 8 teve dificuldade para encontrar moradia e não encontra emprego. A informante nº 9 teve dificuldade para encontrar moradia e trabalha em uma firma no setor de serviços gerais. A informante nº 10 não teve dificuldade em encontrar moradia, pois o marido já estava em Porto Velho, porém ela não estava trabalhando, pois tem um casal de filhos adolescentes e uma menina de 2 anos. A informante nº 11 não teve dificuldades em encontrar moradia, pois já tinha um conhecido em Porto Velho. Trabalha fazendo faxinas (diarista) e nas folgas lava roupas para fora. A informante nº 12 não teve dificuldade em encontrar moradia, trabalha como empregada doméstica, e nos finais de semana quando surge uma oportunidade em alguma lanchonete ela trabalha servindo mesas e ganha por noite trabalhada. A informante nº 13 informou que quando ela veio

para cá, o marido já estava aqui e que ele teve dificuldade para encontrar moradia. Ela não está trabalhando, pois tem um filho que está estudando no 1º ano do Ensino Fundamental.

Alcançar a estabilidade financeira através do trabalho é um desafio para as mulheres haitianas, pois encontram muitas dificuldades que passam pela falta de vagas, baixos salários, falta de escolaridade e de qualificação profissional, além da competitividade e burocracia. Segundo Garcia (2005, p.70), “ser trabalhador passa a ser uma qualidade para ser cidadão”. Mesmo que tenha um trabalho estável, não é fácil para essas mulheres ter uma renda que lhes proporcione condições de alcançar o objetivo de arcar com suas despesas em Porto Velho e ainda enviar remessas para os familiares que ficaram no Haiti.

Com respeito ao que pontuam os autores acima citados, vejamos o que diz a informante nº 11:



Trabalho fazendo faxinas nas casas e ganho R\$ 100,00 por faxina que faço. Tenho 3 que já são fixas e vou toda semana. Nos dias que não faço faxina eu lavo roupas para 2 colegas que trabalham nas usinas e eles me paga R\$ 150,00 por mês cada um. Quando sobra algum dinheiro eu guardo porque quero ser comerciante aqui, comprar coisas na Bolívia para vender que me falaram que dá dinheiro. (INFORMANTE nº 11).

Todavia, o trabalho encontrado nem sempre se coaduna com o que essas mulheres esperavam encontrar, pois além das dificuldades ocasionadas pela língua, mesmo aquelas que possuem alguma escolaridade, nem sempre encontram empregos que se ajustem às suas qualificações (BEZERRA, 2005, p.133).

Gaspard (2003, p.219) complementa o argumento acima, enfatizando que a inserção das mulheres trabalhadoras migrantes no mercado de trabalho continua sendo mais difícil do que para os homens. Quando conseguem se inserir no mercado de trabalho, constata-se que o emprego é geralmente precário e, na maioria das vezes, os trabalhadores que são qualificados encontram empregos precários e inferiores a sua qualificação. As trabalhadoras estrangeiras constituem uma espécie de subsegmento mais estreito do que os homens.

Nesse sentido vejamos o que relata a informante nº 6, ao ser entrevistada:

Gosto muito do Brasil, mas aqui a oportunidade de salário bom não é para os haitianos. Eu trabalho em uma pizzaria e ganho \$ 850,00 (oitocentos e cinquenta reais), mas preciso enviar dinheiro para o Haiti, e pagar, aluguel, luz, alimentação, vestir, calçar, só com o que ganho não dá. Procuo mais um emprego para ganhar mais um salário, mas não encontro. Tenho ensino médio completo, falo crioulo, francês, espanhol, um pouco de inglês e já falo o português. (INFORMANTE nº 6).

Percebe-se na fala dessa informante, que apesar de ter o ensino médio completo, falar crioulo, francês, espanhol, um pouco de inglês e ter um conhecimento razoável de português, ela não consegue encontrar um trabalho de acordo com a sua qualificação. Ela alega querer ir embora do Brasil, já que não consegue melhorar de vida com o salário que ganha trabalhando numa pizzaria.

No mesmo prisma, Amorim e Lima (2015) afirmam que o trabalho ocupado pela trabalhadora migrante haitiana segue uma regra de disseminação dos trabalhos precários, de baixa qualidade, marcados pela desproteção social e de direitos trabalhistas. Segundo os autores são ocupações tidas como exclusão do trabalho e atribuídas às mulheres, com pouco ou nenhum reconhecimento social. As candidatas a tais ocupações são, maior parte das vezes, mulheres sem estudos, com baixa qualificação e mulheres de outras etnias.

Devemos salientar que muitas vezes elas se submetem a tais ocupações por falta de opção e pela extrema necessidade. O relato a seguir, da informante nº 3, nos dá um exemplo bem claro dessa situação:

Chegando a Porto Velho tive dificuldades encontrar trabalho e fui trabalhar de empregada doméstica. Eu trabalhava das 07h00min h. às 18h00min h. A carteira de trabalho minha foi registrada com um salário de \$ 352,00 (trezentos e cinquenta e dois reais), porque a mulher falou que eu era aprendiz e estava de experiência. Trabalhei dois meses e a mulher não me deu o salário mínimo então saído trabalho, mas não denunciei que fiquei com medo de me mandar embora pro Haiti. (INFORMANTE nº 3).

Percebemos na fala da informante acima, que a mulher ainda hoje é vítima da exploração econômica e, no caso relatado, o medo de ser deportada para o Haiti impediu que ela tomasse as providências cabíveis junto aos órgãos competentes.

Segundo Handerson (2015, p.160), essas mulheres afirmam que a pobreza e a falta de emprego no Haiti foi que as fizeram aceitar alguns serviços domésticos no Brasil. Nesse contexto, percebe-se que a pobreza acarretou para essas mulheres a

escolha pelo trabalho doméstico. Entretanto, nota-se que a situação da informante citada, bem como de outras mulheres migrantes haitianas, relaciona-se logicamente com a mudança de status social-profissional, pois desenvolvem um trabalho que, tanto no Haiti como no Brasil, é social e financeiramente desvalorizado.

No quesito com quem você mora, obtivemos de nossas informantes as mais variadas respostas, como: com o companheiro e um filho (informante nº 1); com o companheiro (informantes nº 2 e 9); com o companheiro e a filha (informante nº 3); com o companheiro e um primo dele (informante nº 4); com o marido (informante nº 5); mora sozinha (informante nº 6); com o marido, irmã, primas, tia e tio (informante nº 7); com o marido e os filhos (informantes nº 8 e 10); com colegas haitianos (informantes nº 11, 12 e 13).

Entendemos que o fato de várias pessoas morando na mesma casa se dá pela dificuldade que algumas pessoas tiveram em encontrar moradia, como também pelos valores dos alugueis que são caros, e dividindo as despesas como aluguel, água, luz, e alimentação, os custos são menores.

Ao indagarmos se os filhos estão em Porto Velho, observamos que as informantes nº 2, 4, 5, 6, 7, 9, 11 e 12 têm filhos no Haiti, as informantes nº 1, 3, e 8 têm filhos no Haiti e em Porto Velho, as informantes 10 e 12 têm filhos em Porto Velho. Entretanto, a maioria deixou um ou mais filhos aos cuidados de familiares no Haiti, por falta de condições de trazê-los.

Apesar de que esse processo migratório visa melhorar a vida das crianças, sobre elas recai grande carga emocional, pois implica em estar longos períodos longe dos pais, principalmente das mães. O objetivo das mulheres que deixam os filhos no Haiti, em um primeiro momento, é conseguir emprego e enviar dinheiro para sustentá-los, ajudar os membros da família que ficaram responsáveis pelo cuidado com os filhos e se sustentar no Brasil. Geralmente é a mãe, uma irmã, e às vezes o marido que cuida dos filhos das mulheres migrantes. Em longo prazo, objetivam juntar dinheiro para trazê-los para o Brasil e melhorar as condições de vida (MEIJA, 2015).

Nesse contexto, percebe-se no argumento da autora acima citada, que distância imposta pela migração acarreta uma carga emocional muito grande, tanto para as mães que migram, quanto para os filhos que ficam no Haiti.

A respeito da função que exercem no trabalho, as que estão empregadas atuam no ramo de alimentação e recebem mensalmente. No entanto, alegam que os salários



são baixos e insuficientes para cobrir todas as despesas. Outras ainda não estão trabalhando. As informantes alegam também que não possuem economias: algumas porque não trabalham e as que estão empregadas não conseguem economizar em razão das despesas próprias e mais a ajuda financeira que precisam enviar para os familiares que ficaram no Haiti. No entanto, a informante nº 12 chegou a Porto Velho em 2011 e, como trabalha como empregada doméstica passa o dia todo no trabalho e não tem muitos gastos com alimentação. Além disso, com os trabalhos extras que faz em lanchonetes nos finais de semana, ela tem um ganho extra, o que lhe permite fazer algumas economias, pois pretende comprar mercadorias na Bolívia e revender em Porto Velho.

Sobre as dificuldades com a língua portuguesa, percebemos, ao conversar com as informantes, que elas se expressam razoavelmente, porém algumas apresentam nível de dificuldade maior de se expressar. Vejamos alguns dos resultados atestados: “Não tive dificuldades com a língua, porque quando cheguei fui à Pastoral dos Migrantes e aprendi”. (informante nº 1); “foi difícil, mas aprendi”. (informante nº 2); “demorei um pouco para aprender”. (informante nº 4); “ainda tenho dificuldades com a língua portuguesa”. (informante nº 5); “demorei um pouco para aprender porque é difícil, mas aprendi”. (informante nº 6); “é muito difícil, mas aprendi um pouco e quero melhorar”. (informante nº 7); “aprendi um pouco e ainda estou aprendendo”. (informante nº 8); “tive um pouco de dificuldade”. (informante nº 9); “encontrei dificuldades, porque o português é difícil”. (informante nº 10); “tive dificuldades no começo, mas agora não”. (informante nº 11); “no começo foi difícil”. (informante nº 12); “não tive muita dificuldade”. (informante nº 13).

Bourdieu (1982, p.32-33) afirma que a língua é um mercado, no interior do qual as trocas linguísticas são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus grupos respectivos. Esse mercado linguístico funciona como um mundo social dotado de suas próprias leis e regras que são apropriadas pelos indivíduos e se tornam *habitus*.

Percebe-se, na visão do autor acima citado, que as migrantes haitianas ao se apropriarem da língua portuguesa estão se inserindo na sociedade local, o que para elas é muito importante no seu cotidiano em Porto Velho. Neste caso as migrantes haitianas ao se apropriarem da língua portuguesa estão adquirindo outra Língua Adicional.

Nesse prisma, segundo Bolognini (1998) os imigrantes entraram no país e trouxeram suas línguas maternas, outras histórias, outras ideologias. E o modo pelo qual eles foram constituídos por suas línguas maternas foi determinante da forma pela qual eles se relacionaram com o português e com o Brasil. Para os imigrantes, o português era a língua do estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante ao novo ambiente (dos falantes do português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do português.

Ao serem questionadas quanto à pretensão de fixar residência em Porto Velho, ou voltar para o Haiti, ou ainda seguir para outro lugar do Brasil, a maioria das informantes afirmou que desejam permanecer em Porto Velho, e pretendem voltar ao Haiti apenas a passeio para visitar familiares e buscar os filhos. Neste quesito, constatamos que as migrantes haitianas estão satisfeitas com a cidade e que, apesar das dificuldades de emprego, elas pretendem construir aqui um recomeço de vida, alcançar os objetivos de melhorar de vida e buscar os filhos que ficaram no Haiti. Dessa forma, 54% das informantes desejam ficar em Porto Velho, 38% das informantes desejam buscar os filhos no Haiti e 8% não deseja ficar em Porto Velho.

Neste quesito as informantes demonstram o desejo de reunião familiar. Dessa forma, ao se estabelecer em Porto Velho e ter uma melhor situação econômica, o desejo de unificação da família é um dos seus objetivos, fazendo com que elas dêem início aos procedimentos legais para esse fim. Devemos salientar que na data em que foi realizada a entrevista com a informante de nº 5, ela estava aguardando a chegada da filha adolescente que seu marido foi buscar no Haiti.

Segundo o Estatuto do Migrante:

A reunião familiar é uma modalidade de permanência que visa a aproximação da família, mantendo a unidade de seus membros. Assim, um estrangeiro registrado como permanente, ou um brasileiro, assume a qualidade de chamante de um ente familiar que se enquadre na condição de dependente legal (chamado) conforme previsto na norma 36/99 do Conselho de Imigração. A permanência com base na reunião familiar só será concedida ao estrangeiro que se encontrar com estada regular no país. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, Norma 36/99 Conselho Nacional de Imigração).

Sayad (2000, p.20) afirma que: “[...] o migrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado, e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal, o que não é um fenômeno muito comum [...]”.

Logo, quando o migrante decide permanecer no país para o qual se deslocou, está, conseqüentemente, deixando de lado sua condição de migrante.

Quando indagados se pretendem estudar, a maioria das informantes responde que pretende fazer cursos profissionalizantes direcionados às áreas de alimentação, costura e beleza. Isso demonstra que elas já perceberam que para ter um bom emprego é preciso ter também qualificação. A informante nº 12 afirmou que está cursando a Educação para Jovens e Adultos (Ensino Básico) e fazendo um curso de cabeleireira.

Em relação ao trabalho no Haiti, as informantes de nº 1 ao nº 11 responderam que trabalhavam antes de vir para o Brasil, com predominância em feiras, no comércio, como domésticas e cozinheiras. A informante de nº 12 respondeu que não trabalhava, pois o marido (atualmente é viúva) não permitia, e a informante nº 13 respondeu apenas que não trabalhava, pois tinha filho pequeno para cuidar. Entretanto, as que trabalhavam como domésticas disseram que o salário delas era bem melhor do que lhes é pago aqui. Disseram ter ficado sem emprego após o terremoto.

Ao indagarmos sobre a língua que falam e compreendem, percebemos que a maioria das informantes fala o crioulo e o francês, até porque o Haiti era uma colônia francesa. Conforme Rodrigues (2008, p.66/67), apenas 5% da população haitiana fala o francês que continua ocupando o status de língua de prestígio, apesar de o crioulo ocupar atualmente a posição social de língua oficial. Outras informantes falam também o espanhol, e o inglês, mas não citaram como adquiriram o conhecimento dessa língua, provavelmente a proximidade com a República Dominicana, e a ocupação do Haiti pelos Estados Unidos as levaram ao conhecimento do espanhol e do inglês. As informantes foram questionadas se pelo fato de serem mulheres e negras elas se sentem de alguma forma vigiadas pelos brasileiros e haitianos residentes em Porto Velho. Neste quesito, a maioria delas respondeu não. Apenas duas afirmaram se sentirem vigiadas pelo companheiro e marido. Entretanto, as informantes relataram que no Haiti as mulheres são bastante submissas, ou seja, dominadas.

As mulheres, independentemente, de classe, raça, etnia, anseiam por liberdade, por oportunidades. No que se refere às mulheres migrantes haitianas, mesmo não sendo a migração uma novidade, o fato de elas serem oriundas de uma sociedade machista e o aumento do processo migratório dessas mulheres para o Brasil, acompanhadas ou não por seus companheiros/maridos nos mostra que elas não migram apenas como meras acompanhantes, mas sim com um objetivo de melhorar de vida, sozinhas ou

acompanhadas. De certa maneira, elas almejam alcançar a independência, tanto no sentido financeiro, quanto no moral e social. Tivemos essa percepção na fala da migrante nº 12:

Agora já tenho até um namorado, um negão bem bonito que é divorciado e nem filho tem, ele é brasileiro e trabalha na usina. Ele é muito bom pra mim, me ensina muitas coisas de Porto Velho, me leva pra passear, nas festas e até no cinema e me ensinou dançar forró e eu gostei. Mas eu não quero dinheiro dele porque quero ser independente, porque se ele me dá dinheiro vai querer mandar em mim. Quando eu ainda não era casada eu estudava, mas aí casei, e meu marido não deixou mais. Agora que estou aprendendo uma profissão, vou ter minha independência. (INFORMANTE nº 12)

A respeito de sofrerem ou terem sofrido violência no lar, fora do lar ou psicológica, doze informantes foram unânimes em afirmar que não sofreram ou sofrem qualquer tipo de violência, porém a informante nº 11 afirmou que sofria violência doméstica e apanhava muito do marido que é alcoólatra e por esse motivo se separou. A informante nº 8 informou que não sofreu violência e acrescentou que se o marido batesse, ela iria bater nele também e que sabe que no Brasil existe lei para quando o homem bate na mulher.

Nesse contexto, é necessário considerar que mesmo com a maioria das informantes afirmando não sofrer qualquer tipo de violência física ou psicológica no lar ou fora dele, esse assunto é muito delicado para ser discutido com elas, pois a vergonha de se expor, o medo de sofrerem represálias por parte dos maridos, companheiros e até mesmo da sociedade que geralmente culpa a mulher pela violência sofrida, faz com que o fato fique oculto, ou que quando muito elas se refiram ao assunto como se tivesse acontecido ou aconteça com algum parente, ou alguma amiga, mas nunca com elas.

Esse fato foi constatado através da reportagem que citaremos a seguir. Em uma parte do texto *Haiti: a vida sofrida da mulher haitiana*, Pereira diz:

Como a maioria dos países latino-americanos, este é um país bastante machista e no qual os homens são bastante cruéis com as mulheres. Os casos de violência são parte da rotina e todos os dias inúmeros casos são reportados a polícia. Provavelmente, muitos outros deixam de ser reportados às autoridades. O pior é que na cultura popular é justificável um homem bater em uma mulher. (PEREIRA, 2015)

Sobre o fato de serem discriminadas pelos brasileiros e haitianos residentes em Porto Velho, as informantes responderam que nunca sofreram isto.

A respeito do machismo dos haitianos, percebemos pelas respostas das informantes que, embora em pequena escala, o machismo está presente na vida das mulheres haitianas em Porto Velho. Entretanto, notou-se que não é algo que chega ao ponto de violência física. Vejamos o que dizem algumas das informantes a esse respeito: “o meu companheiro é mandão. Ele tem ciúme, não gosta que eu faça amizade com homens brasileiros, porque ele fala que os homens brasileiros gostam muito de mulheres negras”. (Informante nº 4); “Não. O meu marido é muito bom me ajuda em casa e vamos á Igreja juntos, mas no Haiti tem muito machismo. Lá os homens batem nas mulheres. (Informante nº 8)”; “Meu marido não é machista. Isso depende muito do jeito do homem ser. Se ele confia não é machista. (Informante nº 10)”; “No Haiti sim. Lá os homens batem nas mulheres. (informante nº 11)”.

Com relação a esse tema, Rosa (2007) afirma que a separação entre o mundo da casa e o da rua, está de maneira geral muito consolidada para o masculino haitiano. De modo curioso, ou pelo fato de os haitianos exercerem a dominação masculina de forma inquestionável, no mundo público haitiano parece haver uma projeção de que todas as haitianas representam a pureza, a submissão e a potencialidade para o exercício das tarefas domésticas. As mulheres exercem um papel fundamental no país, pois se constituem no sustentáculo da economia informal da sociedade haitiana. Entretanto, apesar dessa importante contribuição, os homens é que têm a última palavra, isto é, percebe-se uma cultura machista, na qual a mulher é submissa à vontade dos maridos, ou companheiros, mesmo com os diversos movimentos feministas existentes no país.

Logo, nesse contexto, a dominação masculina para a maioria das mulheres haitianas é um comportamento natural, talvez pela falta de conscientização, escolaridade e exclusão social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendemos que a estruturação e elucidação da identidade é o efeito da relação do indivíduo com o meio no qual ele se inclui, assim percebemos que a situação da migração muitas vezes executará o papel de conduzir às mudanças identitárias. É nesse sentido que consiste a contribuição desse trabalho que é o do entendimento do

fenômeno das migrações das mulheres haitianas para o Brasil. Assim, esta pesquisa procurou responder às nossas inquietudes a respeito da realidade social e cultural das mulheres haitianas em Porto Velho.

Ao iniciarmos esta pesquisa verificamos, primeiramente, o perfil dos sujeitos entrevistados, quanto à faixa etária, estado civil, grau de instrução e religião. Estudamos as motivações que trouxeram as mulheres haitianas a Porto Velho e constatamos que, além da motivação ocasionada pelo terremoto de 2010 que devastou o país, os motivos são econômicos, pois o objetivo delas é o de melhorar de vida e ajudar a família.

Devemos salientar que o Haiti se localiza numa área propensa a terremotos e tempestades constantes. Nesse sentido, se antes do acontecimento de 2010, o país já era considerado o mais pobre das Américas, após esse acontecimento a situação ficou ainda mais caótica, por conta do aumento da pobreza e do desemprego, acarretando um deslocamento significativo da população várias regiões do Norte, Sul e Sudeste do Brasil.

Nesse contexto, salientamos que o migrante em geral carrega consigo fatores linguísticos, identitários, sociais, culturais, históricos, bem como suas memórias. Dessa forma, as migrantes haitianas buscaram na migração uma forma alternativa de prover suas necessidades e de suas famílias que ficaram no país de origem.

Entendemos que no mundo pós-moderno a sociedade se compõe por meio de várias mudanças, e o local que as migrantes haitianas escolheram para viver - Porto Velho é uma cidade na qual predomina uma multiplicidade de culturas, haja vista, sua formação ter se dado através de vários fluxos migratórios, ocasionando a hibridização histórico-social da cidade.

Observamos que ao chegarem a Porto Velho, essas mulheres se depararam com algumas dificuldades, principalmente relacionadas à questão de emprego e ao aprendizado da língua portuguesa. No entanto, apesar das dificuldades encontradas, algumas estão trabalhando e já conseguem se expressar em português razoavelmente.

Em nossos estudos constatamos que as haitianas se ajudam mutuamente, tanto na questão financeira, quanto no que se refere à moradia, além de muitas vezes acolherem seus compatriotas, amigos, parentes, e até pessoas que não conhecem, bastando para isso que sejam de sua terra natal.

Percebemos que nossas informantes passaram, no seu país de origem, por um processo de marginalização, exclusão, desemprego, pobreza e baixa escolaridade, fatos

que causaram a migração para o Brasil. Contudo, possuem determinação em vencer, trabalhar, melhorar de vida e fazer cursos profissionalizantes, frequentam as igrejas evangélicas e católicas e por meio da fé se fortificam no intuito de alcançar seus objetivos. Na memória trazem lembranças do Haiti e o revivem através da música, da culinária, da comemoração das datas simbólicas, fazendo suas comidas típicas e mantendo contato com parentes e amigos, através da internet e do celular.

Constatamos que elas, com enorme esforço, estão conseguindo se adaptar à nossa língua, aos nossos costumes, a nossa alimentação, às nossas músicas, ou seja, estão se abasileirando, contribuindo, assim, para um hibridismo profícuo e a construção de novas identidades, todavia, sem relegarem as suas identidades de origem.

A pesquisa tornou-se um desafio causado pela desigualdade de gênero, pois as haitianas tinham menor exposição à vida pública, mais dificuldades com o domínio do português, o que dificultava a integração destas mulheres com a comunidade local.

Com os resultados desta pesquisa, procuramos mostrar a importância de se dar visibilidade à mulher haitiana no processo migratório. Neste sentido, não lançamos nosso olhar apenas para sua participação nesse processo, mas também sob a perspectiva do gênero.

Não podemos dizer que nossa pesquisa termina aqui, pois ainda há muito que se investigar, pois todo trabalho de pesquisa sempre abre oportunidades para novos estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Ana. Paula. & RICARDO Lima: **A inserção laboral dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho em Manaus**. São Paulo. UNICAMP, 2015. Disponível em: <http://marilia.unesp.br/homeeventos/2015/seminariointernacional-pos-graduacao-em-cienciassociais/1-ana-paula-amorim-e-ricardo-lima.pdf> Acesso em: 20/05/2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros: Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEZERRA, Ocicleide de Lima. **Vai trabalhar vagabundo**. Valores e representações sobre o trabalho. Natal, RN, 2005.

BOURDIEU. Pierre. **Le capital social**. IN: Actes de larecherche em ciencias sociales. V.31, janvier, 1980. Disponível em



<[http://www.pirsee.br/webvues/home/priscript/article/arss\\_0335\\_5322\\_1980\\_num31\\_1\\_2069](http://www.pirsee.br/webvues/home/priscript/article/arss_0335_5322_1980_num31_1_2069)> Acesso em: 06/06/2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1880**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo. EDUSP, 1982.

BOLOGNINI, Carmem Zing. **Relações de Contrato: A questão da cultura**. 1998. Disponível em: [www.revista.iel.unicamp.br/index.php](http://www.revista.iel.unicamp.br/index.php) . Acesso em: 20/03/2015.

BURGEILE, Odete. **Um estudo Sociolinguístico dos Afro-amazônidas no Brasil**. A Imigração e a Mudança de língua. Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klais Brandini Gerhart. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL/BERTRAND, 1990.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Aonde caminha a moralidade. **Caderno Pagu**, nº 41, p. 12. Campinas, 2013. Disponível em:<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645089>> Acesso em: 12/05/2016.

DUTRA, Délia. Mulheres Migrantes Trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Rev. Inter. Mob. Humana**. Brasília. Ano XXI n. 40, p. 177-193; Jan/Julh. 2013, ISSN 1980-8585. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/>>. Acesso em 22/02/2015

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos**. São Paulo: Thonson, 2005.

GASPARD, Françoise. Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: Figuras de migrantes e suas filhas. In: **As novas fronteiras da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo. SENAC, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tadeu da Silva. Rio de Janeiro. DP & A, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

HAUPENTHAL, Fernanda Lermen. **BRASIL A TERRA PROMETIDA: um estudo sobre a adaptação do imigrante haitiano no Estado do Rio Grande do Sul através da cultura do consumo**. 96 f. Dissertação (Mestrado em Administração); Universidade Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2014.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname, e na Guiana Francesa**. Tese de Doutorado em Antropologia Social – PPGAS – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, 2015. P. 160. Disponível em. <http://www.laemiceppac.files.wordpress.com/2015/06/tese-joseph-handerson-pdf> . 22/03/2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas. UNICAMP, 1990.

MEJIA, Margarita Rosa Gaviria. **Relato de experiências migratórias de mulheres haitianas para o Sul do Brasil**. Disponível em: <http://ala.ia.unam.mx/.../67.%20Relato%20da%20experiencia%20migratoria%20de%20mulheres%20haitianas%20Margarita%20Rosa%20Gaviria%20Mejia.pdf>> Acesso em 23/05/2015.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Norma 36/99 do Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/concessão.htm>> Acesso em: 22/10/2016.

PEREIRA, Ana. Maria. Haiti: **A vida sofrida da mulher haitiana**. Artigo Publicado em 08/03/2015., no sítio Brasileiras Pelo Mundo. Disponível em: <<http://www.brasileiraspelomundo.com/haiti-a-vida-sofrida-da-mulher-haitiana-181612816>>. Acesso em: 06/06/2016.

RAMOS, Natalia. Gênero, Identidade e Modernidade na diáspora: In: **A vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações**. VI Congresso Internacional. Portugal, 2014.

RODRIGUES, L. C. B. **Francês, Crioulo e Vodou: a relação entre língua e religião no Haiti**. 209 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, 2008  
.Disponível: <http://www.letras.urfj.br/pgneoltinas/media/bancoteses/luizcarlosbalgarodriguesdoutorado.pdf> Acesso: 20/10/2016

ROSA, N. R. **Xenofobização da mulher negra migrante no processo de construção do feminino em emigração: A migração feminina haitiana em Santo Domingo**. Disponível: <<http://www.csem.org.br>> v. 15. N. 29. 2007 Acesso em: 15/03/2016.

SANTOS, Ednaldo Tartaglia. **Imigrantes haitianos: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno: elemento constitutivo do imigrante**. *Travessia*, v. 13, n. esp. p. 7-32, jan. 2000.

SCHILLER, G. N. Laços de Sangue e fundamentos raciais do Estado-Nação transnacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N. 48, p. 46, junho de 1997.

TEDESCO, José Carlos. **O Gênero na Imigração: Redefinições de Papéis e Dinâmicas Étnicas**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v. 2 n.1, p. 44-55, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/index>> Acesso em: 05/05/2016

RECEBIDO EM: 24/04/2019

PARECER DADO EM: 30/09/2019